

Tecitura da pesquisa feminista: os encontros de orientação entre linhas e bordados

*Weaving Feminist Research: Academic Meetings Between Threads and
Embroidery*
*Tejido de la investigación feminista: los encuentros de orientación entre
líneas y bordados*

Mariana Silvino Paris¹  0000-0002-9266-9654

¹Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Direito, Brasília, DF, Brasil.
70919-970 – ppgd.unb@gmail.com



DINIZ, Debora.

Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024, 208p.

O livro *Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmicas* é um convite para uma conversa sobre modos de fazer acadêmicos, direcionado para orientadoras e orientandas, sejam elas estudantes de graduação, mestrado ou doutorado. Desvelar as supostas obviedades da vida acadêmica, oferecendo possibilidades criativas e generosas de aproximação com a pesquisa e a escrita, baseadas no potencial dos encontros e da comunidade, é o compromisso firmado por Debora Diniz, em mais recente versão do livro, já publicado em 2012.

O texto de 2024 é mais do que uma reescrita do trabalho predecessor. A autora inovou ao abordar a reinvenção das relações de orientação, especialmente em razão da pandemia de Covid-19, além disso, testemunhou sobre a construção coletiva no Projeto das “Banquinhas”, curso de extensão pela Universidade de Brasília, oferecido na rede social Instagram e hoje disponível no canal da Anis – Instituto de Bioética, no YouTube, com milhares de visualizações. Ainda, sugeriu possibilidades e desafios postos pelo avanço dos recursos digitais e tratou dos desencontros e as relações disfuncionais no ambiente acadêmico; entre outras novidades.

A autora, antropóloga, professora da Universidade de Brasília e “amadora engajada” (Debora DINIZ, 2024, p. 80) por autodefinição, descreve encontros reais e, seguindo o verbário feminista (Debora DINIZ; Ivone GEBARA, 2022), imagina hipotéticos entre comunidades de orientadoras e orientandas. Para isso, aprofunda analiticamente sua experiência como orientadora e docente de metodologia da pesquisa científica na Faculdade de Direito, uma trajetória que se iniciou por convite de discentes interessadas em aprimorar as técnicas de

pesquisa e investigação. Baseada em experiência e também em observação etnográfica dos encontros de orientação, Diniz nos oferece conselhos, sugestões e orientações para encontros éticos na pesquisa, destacando o potencial da comunidade para nos resgatar das angústias e tremores, mas também para ocupação de espaços de poder de forma mais justa e horizontal. Além disso, a *Carta...*, integralmente redigida no feminino, é um convite para uma conversa afetiva, mas também uma proposta de desafio ao poder cis-masculino e racializado branco que predomina na ciência.

Inicialmente, a autora descreve a carta, detalhando as possibilidades para o encontro entre a orientadora e a orientanda, assim como explica os pactos iniciais a serem firmados entre as duas. Desafiando as estruturas de transmissão vertical do saber, a autora propõe que a orientadora atue como “escutadeira, editora e acompanhante” (DINIZ, 2024, p. 36) da escrita, subvertendo a expectativa de que o conhecimento transite em uma só direção. Nesse papel, há tarefas exclusivas da orientadora, como acompanhar o rito de defesa do trabalho e sustentar as decisões conjuntamente elaboradas pelo par. A orientanda, por sua vez, será uma aprendiz cuja prioridade é conectar-se com a comunidade que passa a integrar. Serão tarefas da orientanda conhecer o grupo e com ele contribuir, construindo coletivamente aprendizados. A pesquisa e a escrita acadêmicas deixam de ser uma atividade solitária para ser uma tarefa coletiva, em que todas têm responsabilidades entre si e com o grupo. Tal qual uma bordadeira, a orientanda compromete-se com a despossessão da tarefa e propõe-se à construção de um fragmento que integrará um desenvolvimento coletivo.

A *Carta...* segue então o alinhavo dos pontos e bordados, orientada pelos múltiplos encontros no caminho da pesquisa acadêmica, em sete seções: antes do primeiro encontro, o primeiro encontro, o encontro com a leitura, o encontro com o tempo, o encontro com a escrita, os desencontros e, por fim, o encontro com as leitoras.

Antes do primeiro encontro, a tarefa inicial é a leitura da *Carta...*, que a autora propõe ser feita com o caderno vaga-lumes ao lado, destinado para registros sobre a orientação e o grupo de pesquisa. Junto dos cadernos canteiro de obras (para registros de leitura e escrita) e diário de campo (acompanhante da pesquisa de campo), os três são ferramentas para a construção da memória na trajetória acadêmica. Após, sugere dois processos: uma análise interna para reduzir os interesses a um problema de pesquisa razoável a ser trabalhado no tempo previsto; depois, um exercício exterior de preparação sobre as pessoas com quem se aspira entrar em contato. Analisar a Plataforma Lattes, investigar temas atuais e importantes para o grupo de pesquisa e usar criticamente ferramentas de inteligência artificial para explorar o mapa de autoras com quem esse grupo trabalha, são alguns passos importantes para identificar preocupações compartilhadas com os temas de interesse da comunidade.

Chegado o primeiro encontro, a orientanda deve se preparar para comunicar suas ideias no formato de um problema de pesquisa, um exercício que, após desenrolado o emaranhado de interesses, tem, ao menos, três etapas: identificar títulos funcionais, selecionar palavras-chave e desenvolver um problema de pesquisa, seguindo a “formuleta” proposta (DINIZ, 2024, p. 72). A alegoria do bordado mais uma vez auxilia a pensar a simplicidade do título funcional: a resposta deve ser tão clara quanto é para a bordadeira dizer o que está fazendo; no exemplo da *Carta...*, a mantinha do cachorro. Porém, a simplicidade da resposta não deve nos confundir quanto à intensidade da tarefa de chegar até ela. Assim como a bordadeira certamente imprime seus afetos na feitura da mantinha, esmerando-se ao fazer e desfazer dos pontos, o desenvolvimento do título funcional demanda de nós o enfrentamento de processos não ditos na academia, como as angústias e os tremores. Por isso, a elaboração dessas unidades básicas do projeto de pesquisa não é tarefa fácil e, para solucioná-la, é preciso distanciar-se da ilusão da perfeição e combater o espelho da impostora, com o apoio da comunidade.

Quanto ao encontro com a leitura, é preciso considerar que há limitações de tempo e circunstâncias da vida para aquilo que deve ser uma tarefa permanente na academia. Alguns conselhos para a curadoria das leituras: explorar o acúmulo do grupo, indagar-se realisticamente sobre as próprias aptidões, construir um mapa de autoras e praticar o turismo textual, identificando com sabedoria aquilo que deve ser explorado em profundidade e os textos que podemos investigar panoramicamente.

Para o mapa de autoras, vale percorrer criticamente por ferramentas de inteligência artificial, atentando-se para o fato de que produções acadêmicas marginalizadas, tidas como não hegemônicas, escapam aos instrumentos cujas bases de dados tomam em conta apenas o cânone tradicional. A reflexão se relaciona ao conceito de epistemicídio, desenvolvido por Sueli Carneiro (2023), no qual a autora descreve as formas de subalternização e deslegitimação do conhecimento produzido por pessoas negras, identificando-o como elemento constitutivo do dispositivo da racialidade. Por essa razão, o processo consciente de diversificar as fontes deve ser um esforço constante na pesquisa comprometida com uma perspectiva crítica dos regimes de poder.

Ainda, diante de leituras desafiadoras, somos apresentadas a apoios para viabilizar a compreensão, tais como assistir às aulas, ler comentaristas e iniciar a leitura por artigos, em vez de livros mais extensos. Para exercitar a escrita, vale praticar com fichamentos (sínteses para consulta posterior) e memorandos (peças analíticas e autorais). O exercício de leitura é tão eficaz quanto é nosso autoconhecimento sobre quem somos como leitoras e, para com bom humor nos provocar a refletir sobre nossos hábitos, Diniz nos apresenta quatro tipos de leitoras, distintas por seus métodos e características, nos convidando a reconhecer cada uma delas dentro de nós.

No encontro com o tempo, somos convidadas a refletir sobre o desafio dos prazos. O compromisso com eles é individual, mas também coletivo e institucional; por isso, a importância de manter-se consciente e responsável com as limitações temporais, evitando os temidos atrasos. Porém, o tempo pode ter significados diversos conforme as circunstâncias da vida: o cuidado dos outros e o cuidado de si e a maternidade, por exemplo, não são atrasos, mas, em vez disso, demandam a justa acomodação dos prazos e das dinâmicas da pesquisa. Os atrasos, por sua vez, estão com frequência relacionados à procrastinação e à ilusão da perfeição; por isso, somos orientadas a algumas práticas concretas de organização e autodisciplina em busca de um ritmo sustentável em cada etapa da pesquisa.

No encontro com a escrita, há conselhos sobre como iniciar e lidar com o vazio da página em branco: vale construir um sumário expandido que servirá como um guia, além de começar pelo capítulo de métodos, o que pode oferecer um alívio criativo em uma tarefa com normas seguras. Somos conduzidas por um passeio reflexivo pelas regras da escrita acadêmica, que deve ser simples, eficiente e legível, e, principalmente, confiável, conectando-nos com as leitoras. Para isso, partimos da unidade de texto que é o parágrafo, do autoconhecimento sobre o fôlego de escrita e sobre os próprios vícios, além de conhecer e evitar os excessos que interferem na legibilidade do texto.

Na sequência, destaca as particularidades do texto acadêmico, rememorando os perigos da história única de que trata Chimamanda Adichie (2019) e a escrita como um exercício do verbo feminista lembrar (DINIZ; GEBARA, 2022), por isso, sugere evitar percursos historiográficos na introdução e na revisão bibliográfica, já que, em regra, essas seções partem de uma perspectiva da história que se apresenta como neutra e ignoram os métodos específicos desse campo. Por isso, Diniz faz uma provocação feminista à escrita acadêmica, sugerindo a importância da interseccionalidade de regimes de poder que impactam a construção do texto, concluindo pela diferença entre neutralidade e confiabilidade. Isto é, produzir um texto acadêmico confiável é desenvolver a pesquisa com base em parâmetros éticos compartilhados no campo da ciência, o que não impede que a investigação seja motivada por compromissos políticos, por exemplo. Diniz nos convoca a refletir sobre as motivações políticas, as quais revelam preferências e visões de mundo, conectando-nos a pessoas e ideias, dando sentido à pesquisa além de nós mesmas.

Sobre os desencontros, Diniz enfrenta temas como o abuso e a discriminação, acolhendo com generosidade as angústias decorrentes de violações tão comuns quanto silenciadas no ambiente acadêmico. A respeito dos conflitos de orientação, e, sobretudo, sobre situações de assédio moral e sexual, destaca a importância da união entre estudantes e da denúncia formal de abusadores, cujas práticas violentas são acobertadas pela naturalização desses comportamentos. Há uma transformação em curso, de que todas fazemos parte; Diniz nos convoca a sermos firmes por nós mesmas e pela crescente diversidade das novas gerações de mulheres. Para evitar o plágio e afastar o temor de incidir nesse malfeito, sugere algumas práticas fundamentais: segurança sobre as regras de referência, o exercício da paráfrase, a proibição do *apud* e a aplicação de ferramentas de detecção de plágio nos textos.

No encontro com as leitoras, Diniz detalha a relação entre a escritora e as destinatárias do texto, em diferentes fases, desde o rascunho até a versão final a ser enviada para uma banca de avaliação. Em todas as etapas, destaca a importância da escuta e da sagacidade para se refazer a partir das críticas, e o papel da orientadora como editora. Neste modo de fazer pesquisa acadêmica, as pessoas com quem trabalhamos em nossa pesquisa também são nossas leitoras, já que não falamos "sobre elas", mas sim "com elas". Uma experiência tão inusitada quanto fundamental para a transformação dos espaços de saber. Consciente de que o processo de escuta das críticas pode ser angustiante, mais uma vez a importância da comunidade emerge: compartilhar inquietações com o grupo de que faz parte facilita o processo de reorganização a partir dos comentários.

Por fim, Debora Diniz dá as boas-vindas às autoras, sejam aquelas que desejam seguir uma carreira formal no campo acadêmico, renovando seus compromissos com os valores da justiça social, mas também quem mantém dentro de si aceso o espírito da dúvida, com a consciência de que o poder do conhecimento para transformação social é promissor em qualquer espaço que ocupe.

O texto é, portanto, uma interpelação ética aos modos de fazer tradicionais da academia, oferecendo ferramentas úteis para contestar o vocabulário das elites cis-masculinas e brancas

que, por muito tempo, ocuparam hegemonicamente os espaços de saber. Trata-se de um convite para reinventar esses modos de fazer a partir da comunidade e da diversidade. Assim, colocando-se de maneira inovadora e criativa no campo da metodologia da pesquisa, *Carta de uma Orientadora* contribui para uma pesquisa acadêmica ética, confiável, e também mais generosa e acolhedora. Nos encontros, orientadora e orientanda são “um par em comunidade”, construindo uma unidade fundamental para a tecitura da pesquisa feminista e de saberes mais justos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Trad. de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

DINIZ, Debora. *Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

Mariana Silvino Paris (mari.sparis@gmail.com; m.paris@anis.org.br) é graduada em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra e doutoranda em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Políticas Públicas e Justiça de Gênero pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Advogada e pesquisadora em Anis – Instituto de Bioética e Projeto Cravinas – Clínica de Direitos Sexuais e Reprodutivos da UnB.

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

PARIS, Mariana Silvino. “Tecitura da pesquisa feminista: os encontros de orientação entre linhas e bordados”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 1, e102381, 2025.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 27/08/2024

Reapresentado em 09/12/2024

Aprovado em 15/12/2024